



IDENTIDADE E IMAGINÁRIO EM A RICA FAZENDEIRA DE CACAU

Rita Lírio de OLIVEIRA¹
Maria de Lourdes Netto SIMÕES²

Resumo: Este estudo analisa o conto A rica fazendeira de cacau, integrante do livro *O tempo é chegado* do escritor sul-baiano Euclides Neto, tomando por base teórica as premissas acerca da identidade cultural, imaginário e leitura. Para tanto, recorre-se, respectivamente, aos autores Stuart Hall (2005), Wolfgang Iser (2002), Bronislaw Baczko (1985) e Roger Chartier (1996). Objetiva-se, deste modo, examinar e identificar na referida narrativa tais questões, buscando saber como o escritor traça o painel identitário da região cacaueira sul-baiana e como fustiga e estabelece interação com o leitor, principalmente no que tange a seu imaginário individual e coletivo. Percebe-se, pois, que o texto ficcional analisado, promove a construção da identidade cultural da região cacaueira sul-baiana, por meio da memória coletiva e do imaginário social.

Palavras-chave: Identidade Cultural. Imaginário. Euclides Neto.

Em voga nas discussões contemporâneas das ciências sociais, a identidade cultural pode ser entendida, a princípio, como o conjunto de aspectos psicológicos que, de caráter próprio e exclusivo, individualizam e identificam determinado grupo, cuja prática sociocultural o leva a produzir discursos sobre si mesmo. Todavia, Hall (2005) alerta que o sujeito, que outrora possuía uma identidade unificada e estanque, está se tornando fragmentado e constituído de várias identidades, por vezes contraditórias ou não resolvidas.

As identidades tomam diferentes direções, de tal modo que as identificações estão em constante deslocamento. Conforme afirma,

[...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2005, p. 13).

¹ Mestranda em Linguagens e Representações pela UESC. Grupo de Pesquisa Identidade Cultural e Expressões Regionais – ICER. Professora de Língua Portuguesa e Literatura. Site: www.ritalirio.com E-mail: rita_lyrio@hotmail.com

² Orientadora. Pós-Doc em Literatura Comparada



Nesse ponto, Maffesoli (1998) ensina que, no paradigma pós-moderno, ocorre o processo de desindividualização, na qual o indivíduo não se acha exclusivamente em si mesmo (como tipicamente preceituava a modernidade), uma vez que a multiplicidade do eu induz a ambiência comunitária, enquanto a pessoa só existe quando são estabelecidas relações com o outro.

Igualmente, Hall estabelece que uma cultura nacional, composta de instituições culturais, símbolos e representações, é um discurso ou modo de construir sentidos que possibilita as identificações humanas, influencia e organiza tanto a concepção que as pessoas têm de si mesmas quanto as suas ações. Dessa forma, as culturas nacionais constroem identidades quando produzem sentidos sobre a nação ou comunidade simbólica.

Definida como uma das estratégias representacionais para construir o senso comum sobre a identidade nacional ou sobre o pertencimento, a *narrativa da nação* advém das histórias e literaturas nacionais, da esfera midiática e da cultura popular, que

[...] fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação (HALL, 2005, p. 52, grifo do autor).

Hall ainda esclarece que o discurso da cultura nacional, não tão moderno assim, confere às identidades construídas uma posição ambígua entre o passado e o futuro, haja vista que “ele se equilibra na tentação por retornar às glórias passadas e o impulso de avançar ainda mais em direção à modernidade” (ibid., p. 56), numa clara tentativa de se restaurar identidades passadas.

O indivíduo, por sua vez, manifesta desejo de fazer parte da comunidade simbólica, o que lhe confere um sentido de pertencimento, mesmo não tendo participado da construção da identidade e partilhado vivências e memórias, razão pela qual a identidade cultural une determinado grupo em torno de uma visão histórica semelhante que contempla passado, presente e futuro, possibilitando ao indivíduo ser herdeiro do patrimônio cultural dessa comunidade imaginada.

Termo cunhado por Anderson (1983 *apud* HALL, 2005, p. 51), a “comunidade imaginada” é a identidade nacional, cuja diferença para outras nações pontua-se nas formas diferentes pelas quais é imaginada. Não obstante, a imaginação é entendida como a faculdade de se formar imagens a partir da relação do indivíduo com o universo.



Simões (1998) esclarece que o imaginário se pauta nas experiências vividas ou possivelmente vivenciadas pelo indivíduo, construindo, por conseguinte, o espaço da ficção, sob novo enfoque, já que os fatos trazidos do passado são retratados de maneira crítica no presente.

Entende-se que tais considerações podem ser pensadas e projetadas sobre o livro de contos intitulado *O tempo é chegado*, publicação póstuma de Euclides Neto (1925-2000), escritor baiano que, sob a influência do modelo do *romance da terra* característico dos anos 30 do século passado, compôs também o ficcionismo da região cacauera sul-baiana, ao descrever a sua gente, costumes e paisagens, individualizando-a e identificando-a sobremaneira.

Entretanto, a descrição do meio geográfico, a fim de enaltecer os valores da região cacauera baiana, não é objetivo maior do escritor, pois a natureza grapiúna não está dissociada da perspectiva intrínseca das personagens. As vicissitudes da região ao longo do ciclo do cacau, no século XX, mais do que pela simples delimitação da geografia, são contadas pelos conflitos que o sujeito trava consigo mesmo e com os outros sujeitos.

Ressalta-se a acepção de que, segundo Simões (1998), os *coronéis* fazendeiros, os jagunços e os ruralistas, desde os tempos áureos do cacau, compuseram o painel humano da comunidade sul-baiana, por meio de seus costumes, crenças e credences, sendo os responsáveis pelo estabelecimento dos padrões da identidade sul-baiana (grapiúna). Assim, quando se analisa a construção da identidade cultural grapiúna, atenta-se principalmente para as relações de tempo-espaço em que Euclides posiciona a sociedade do Sul baiano, formada e reformada durante todo o ciclo do cacau.

Foram esses tipos humanos que compuseram o painel social grapiúna, considerando as suas idiossincrasias, hábitos, costumes, tradições, crenças e credences, de uma forma ou de outra todos estritamente ligados às roças de cacau, pois o “fruto de ouro” era a força motriz da região sul-baiana, tanto que a identifica e a individualiza mundialmente como a região cacauera da Bahia.

Hall (2005) ensina que todas as identidades estão localizadas no espaço e tempo simbólicos, considerando assim as suas paisagens características, seu senso de lugar, de lar, bem como suas localizações de tempo, que consistem

[...] nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o



indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes (HALL, 2005, p. 72).

Ademais, o livro *O tempo é chegado* trata-se de uma rememoração do passado, a partir do presente crítico de Euclides Neto, pois reconstrói fatos passados levando em conta as conseqüências sociais, econômicas e culturais do presente. A realidade é mostrada sem afetações, ainda que ficcionalizada, na qual o processo socioeconômico influencia diretamente a vida grapiúna, ou seja, os sinais exteriores estimulam o homem, o qual reconstitui referências concretas de acontecimentos da vida individual e coletiva. Desse modo, o escritor enredou suas narrativas na relação entre o indivíduo, o tempo-espaço e o contexto socioeconômico e cultural.

A preocupação com o espaço, concreto e próximo, torna-se uma das características literárias mais marcantes de Euclides Neto, reconhecendo-se a memória afetiva do autor, haja vista seu passado diretamente associado à região cacauzeira da Bahia, já que nasceu e foi criado nas roças de cacau sul-baianas. Esse contato cotidiano com a sua terra e com a sua gente, acarretou-lhe vasta experiência sobre o ambiente e as relações socioculturais que mantinha ou presenciava acontecerem, seja como escritor, agricultor, advogado, político ou apenas cidadão grapiúna.

Entre os contos integrantes da obra, esta análise se ocupa especificamente da narrativa *A rica fazendeira de cacau*, um claro exemplo de como esses padrões de identidade se manifestam, principalmente neste excerto em que o escritor revela elementos que denotam a identidade cultural grapiúna:

Ah! A fazenda. Estava perto, já na divisa. Amarraria o pano na cabeça para fazer beiju de toda vicissitude, vadiar de meter a mandioca no rodicho, só pra dizer que ainda sabia cevar como antigamente. Tomar café quente na boca do forno, cessar massa, apurar goma. E fazer bolo na cozinha grande de fogão a lenha de baitinga. Bater ovos na puçulana esmaltada. Assar no forno do quintal. Preparar rabada de vaca gorda com verdura. Geléia de cacau. Infusar licor de jenipapo, cajá, tangerina, vinho de laranja. Comer jaca dura (NETO, 2001, p. 22)

Ainda que seja a narração de ações triviais, Euclides as singulariza, tornando-as representações do que seja a região cacauzeira sul-baiana, dando sentido à sua identidade e permitindo que a sua gente se reconheça, levando-se em consideração de que, segundo Hall (2005), o conceito de identidade está diretamente associado à relação do indivíduo e ao espaço em que vive, reconhecendo-se e sendo reconhecido, à medida que interage com a sua sociedade.



Hall ainda alerta que as noções de territorialidade foram quebradas, prevalecendo hoje o sentido de pertencimento sobre o de território, quando cada indivíduo se constitui e se transforma a depender do contexto em que vive, marcando e sendo marcado simultaneamente por sua sociedade, pois é influenciado pela ambiência sócio-histórico-cultural, o que justamente ocorre com a “rica fazendeira de cacau”:

Não era mulher de viagens ao estrangeiro. O seu era ali. Fora às europas uma vez. Não viu nada demais. Uma porqueira. Um zoadeiro desgramado, gringo tomando dinheiro, servindo comida de cachorro. No fim, empacou no quarto do hotel e esperou a volta sem abrir mais a boca. No Rio também estivera. Uma porqueira. Só se engraçara das sedas estampadas e anéis brilhantes. Comprou tudo que bem entendeu. Para depois ficar zanzando, indo ver o mar, mulheres descaradas, nuas como diabas. [...]

Estava no meio da fazenda Linda Bela, gozando da fortuna. Quase chegando. Não precisava de espancar dinheiro pra ser feliz. Bastava ver as pilhas de cacau seco, os lotes trazendo mais das roças, os homens descarregando nos cochos, subindo às estufas. Os barcapeiros com o lombo alumando ao sol, sambando em riba. O que também lhe beliscava as partes. Deus a perdoasse (NETO, 2001, p. 23).

Percebe-se, desse modo, a premissa de Hall de que a construção da identidade se dá historicamente e não biologicamente, já que a personagem, como todo indivíduo, assume identidades desunificadas, fragmentadas e múltiplas em momentos distintos, o que a leva a várias direções quando se insere em diversos sistemas culturais. Cada indivíduo se forma e se reforma a depender do contexto vivido. Ao mesmo tempo em que ele marca a sociedade em que vive, é influenciado por sua ambiência histórica, social e cultural.

O conto também permite perceber que Euclides procura se distanciar de uma narrativa que se preocupa apenas em ser um mero painel de datas sucessivas. Nesse conto, a época e o lugar, por exemplo, são indicados sutilmente, como se confere no seguinte excerto: “Dona Agripina escavaia garbosa no seu cavalo pedrês. Nos tempos antigos de silhão. Mulher não podia montar de pernas abertas feito homem. Muito menos vestir calça para tal imoralidade” (NETO, 2001, p. 21).

É esse excerto que abre a história de d. Agripina, a rica fazendeira que dá razão ao título do conto. Euclides narra, com pitadas de sensualidade, diversos acontecimentos vividos pela personagem, tendo por cenário tudo o que os tempos áureos do cacau puderam a ela proporcionar: a vida confortável da fazenda, o glamour das inúmeras viagens para centros urbanos nacionais e internacionais, onde a compra de frivolidades era a maior expressão feminina do gozo da fortuna.



Por outro aspecto, um súbito revés da trama expõe o jogo que Euclides Neto articulou astuciosamente desde a primeira linha, levando e, de certa forma, manipulando o leitor a vivenciar uma realidade ficcional, bem como o imaginário da personagem d. Agripina e o seu próprio imaginário, até que este perceba que “embarcou” no ardid prosaico engendrado pelo escritor. Assim, os acontecimentos vividos pela personagem, na verdade, são parte das lembranças de uma senhora louca e decrépita, andando a esmo na estrada, até ser reconduzida por uma assistente social para o Abrigo das Velhas:

Exatamente nessa hora, a assistente social do Abrigo das Velhas achou dona Agripina na estrada, mais magra, pés descalços e feridos no chão de cascalho. Foi delicada. Chamou-a de Minha Rica Fazendeira de Cacau, como ela gostava de ser tratada. A viúva de seu Pelegrino não fez cara de zanga. Só disse que o marido estava demorando muito de vir para a cidade e ela resolvera ir vê-lo, como sempre fizera. Entrou no carro, sentou-se no banco de trás, compondo a saia em trapos. Perguntou pelas jóias que não via em seus braços, dedos e pescoço, a gargantilha de brilhantes. Quis saber onde ficara seu motorista. E das filhas que estavam em Paris passeando. Arrematou: — Essas meninas só querem viver no estrangeiro, acham pouco e vão três, quatro vezes por ano.

Agora voltava a lembrar dos derradeiros tempos. O enterro do marido, o inventário das fazendas, cacau afundando no preço, vassoura de bruxa comendo as roças. Os bancos, ciganos, exportadores levando o resto. Antes já tinham ido os ouros, platinas, casa de morada, gado nas fazendas de criação no Gongogi. Os meninos, por esse mundo de meu Deus. Em Beira Rio, somente um, carregado de filhos, empregado de fazenda. Duas filhas largadas, vendendo perfume barato e os últimos dotes de carne que restavam nelas (NETO, 2001, p. 24).

Noutras palavras, Euclides soube muito bem arquitetar a trama valendo-se do fato que o fictício permite que o leitor vivencie o imaginário da personagem, o qual influencia diretamente o imaginário do próprio leitor. Esse jogo foi possível porque

[...] o texto ficcional contém muitos fragmentos identificáveis da realidade, que, através da seleção, são retirados do contexto sócio-cultural, quanto da literatura prévia ao texto. Assim, retorna ao texto ficcional uma realidade de todo reconhecível, posta entretanto sob o signo do fingimento. Por conseguinte, o mundo é posto em parênteses, para que se entenda que o mundo representado não é o mundo dado, mas que deve ser entendido como se o fosse (ISER, 1996, p. 24).

O autor ensina que os sinais da ficcionalidade também põem entre parênteses o mundo apresentado no texto, evidenciando que deve ser apenas visto e entendido com uma representação do real, e não o real propriamente dito. Assim, a diferença entre o mundo ficcionalizado e o mundo real que “se apresentam à medida que o mundo do



texto não significa o que designa e metaforiza o mundo empírico, presente para ele” (ISER, 1996, p. 265).

Argumenta o autor que o fictício necessita diretamente do imaginário para poder se realizar, quando este assume uma forma. Isso porque o ato de fingir promove novas possibilidades em relação ao que há de realidade, transgredindo os limites previamente dados.

Conforme Iser, o ato de fingir indica que o mundo apresentado no texto não é mundo algum. Todavia, deve ser imaginado como se o fosse, pois permite ver o não-real como uma realidade. E dessa interação entre o fictício e o imaginário, de modo contínuo, revela que as realidades apresentadas no texto, baseadas em possibilidades, são decompostas, resultando em novas possibilidades que servem para produzir continuamente outros mundos.

Não obstante, Iser afirma que a Literatura em si possui uma função formadora que faz mudar o indivíduo quando em contato com ela, enquanto o imaginário desempenha um papel na percepção, pois “seus componentes se ampliam nas idéias, no sonhar acordado, nos sonhos e nas alucinações” (ISER, 1996, p. 222).

É justamente o que pretende Euclides Neto ao aguçar o imaginário do leitor no conto *A rica fazendeira de cacau*, ao levá-lo a vivenciar o imaginário da protagonista, que paira entre idéia (relembanças), sonho (fantasia) e devaneio (alucinações), considerando Iser (1996) que

[...] como ideia, o imaginário torna presente o que é ausente, guiado pelo conhecimento e pela memória; como sonho é confinamento do sonhador emaranhado em suas imagens; como devaneio, a eliminação de formas na imanência pura e como alucinação uma consciência soterrada. Talvez seja na loucura que o imaginário alcance uma presença relativamente pura (ISER, 1996, p. 222).

Considerando a derrocada que sofreu a região cacaueira após o período auspicioso do cacau, levando muitos dos que apostaram a vida nessa monocultura a atitudes extremadas – o suicídio, por exemplo –, como se vê ao longo de todo o livro de Euclides, a sensação de que d. Agripina enlouqueceu é a que fica, pois suas relembanças, que se baseiam no real por ela dantes vivido, tornaram-se a sua “realidade” no seu presente decrépito, fugindo do real ficcional.

Eminentemente uma obra de ficção, *O tempo é chegado*, como um todo, enfoca circunstâncias regionais como elementos que podem identificar uma realidade vivida



durante determinado período na história sul-baiana, tornando-se um referencial para o leitor. Como bem aponta Simões (1998), quando estabelecida a relação entre ficção e o contexto social, este enriquece o imaginário ficcional, à medida que a ficção promove no leitor o questionamento e a problematização.

Como a Literatura articula os elementos de vida real que nela existem, pode-se se atribuir ao fictício a intencionalidade do autor perante o seu leitor, quando o primeiro estabelece com o segundo um jogo que mexe (e manipula, é bem verdade) com suas expectativas, mas que, sobretudo, promove uma interação, uma espécie de “pacto de co-autoria”. O autor é o responsável pela trama e seus elementos práticos (fatos, personagens, ambiente) minuciosamente articulados, mas as conseqüências desse jogo dependem, sem dúvida, da percepção do leitor e de como funciona e reage o seu imaginário.

Por isso, Iser assinala que

[...] os autores jogam com os leitores e o texto é um campo de jogo. O próprio texto é o resultado de um próprio ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém em um mundo existente, mas, conquanto o ato seja intencional, visa a algo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. Essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. Pois não importa que novas formas o leitor traz à vida: todas elas transgridem – e daí, modificam – o mundo referencial que tem no texto (ISER, 2002, p. 107).

Nessa perspectiva, o imaginário social se constitui também como construto de identidade, haja vista que abarca em si as representações simbólicas que dão significado à realidade, a fim de expressar valores e formas de determinado grupo, sociedade. Conforme Baczko (1985), os imaginários constituem pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz, por meio do qual ela se percebe, divide e elabora seus próprios objetivos. Desse modo,

[...] é assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores [...] (BACZKO, 1985, p. 309).

Uma representação global e totalizante da sociedade é produzida, em que cada elemento encontra o seu “lugar”, a sua identidade e a sua razão de ser. O imaginário,



então, se vale da produção dos discursos para se tornar inteligível e comunicável, nos quais e pelos quais a reunião das representações coletivas se dá, enquanto o imaginário fala da forma de ser passada e presente de determinado corpo social.

Já na questão da leitura, Chartier (1996) afirma que uma das perspectivas da “estética da recepção” é reconhecer a pluralidade das possíveis leituras que se podem realizar de um mesmo texto, considerando as disposições individuais, culturais e sociais de cada leitor. Isso ocorre porque as condições diferenciais para se apropriar do texto são repercutidas fora do texto e fora de um enfoque exclusivamente sobre o leitor na obra e não no social.

A Literatura já se revela como uma modificadora das ações e as reações do homem, sendo as obras vividas e revividas, razão pela qual, segundo Iser (1998), os leitores se transformam quando estão em contato com ela.

Considerando os aspectos analisados, conclui-se que o escritor grapiúna Euclides Neto narra o conto *A rica fazendeira de cacau* emprestando suas reminiscências, essencialmente afetivas, às personagens e, por conseguinte, promovendo a construção da identidade cultural da região cacauera sul-baiana, numa relação direta com o imaginário social, na qual se processa o reconhecimento do sujeito.

Abstract: This study analyzes the tale “A rica fazendeira de cacau”, which belongs to the book *O tempo é chegado*, by Euclides Neto, taking as theoretical basis the assumptions about the cultural identity, imaginary and reading. For this, we appeal, respectively, to the authors Stuart Hall (2005), Wolfgang Iser (2002), Bronislaw Baczko (1985) and Roger Chartier (1996). We aim to examine and identify in refereed narrative those questions, searching to know how the writer constructs the identity panel of Southern Bahia cacao region and how he fustigates and establishes interaction with reader, mainly in which it concerns its individual and collective imaginary. So, it is perceived that the analyzed fictional text promotes the construction of the cultural identity of Southern Bahia cacao region, through the collective memory and social imaginary.

Keywords: Cultural Identity – Imaginary – Euclides Neto

REFERÊNCIAS

CHARTIER, R. (org.) *Práticas da Leitura*. Introdução à edição brasileira de Alcir Pécora; trad. de Cristiane Nascimento; revisão da trad. Angel Bojadsen I. São Paulo : Estação Liberdade, 1996.

BACZKO, B. Imaginação social. In: ROMANO, R. (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. V. 5.



HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu Silva, Guaracira Lopes Louro. 10.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ISER, W. O Jogo do texto. In: LIMA, L.C. (org.). *A Literatura e o Leitor: Textos da Teoria da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. *O Fictício e o Imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Joahannes Kretschmer, Rio de Janeiro : EdUERJ, 1996.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de janeiro: Forense Universitária, 1998.

NETO, E. *O tempo é chegado*. Ilhéus: Editus, 2001.

SIMÕES, M. de L. N. *As razões do imaginário*. 1. ed. Salvador/Ilhéus: Fundação Casa de Jorge Amado/Editus, 1998.

_____. A ficção da Região Cacaueira baiana: questão identitária. In: *Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões/Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Letras e Artes – N.º 1 (1997/1998) – Ilhéus: Editus, 1998.*

Recebido para avaliação em 30/06/2010
Aceito para publicação em 19/09/2010